GÊNERO E EDUCAÇÃO FISICA ESCOLAR: TENSÕES E IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS

Kelli da Silva, Nathalia Nogueira de Oliveira, José Ricardo Silva, Larissa Aparecida Trindade dos Santos

Faculdade de Presidente Prudente – FAPEPE, Presidente Prudente, SP. e-mail: kelly_lna@hotmail.com

RESUMO

As aulas de Educação física são por vez marcadas por discriminação e preconceito quanto ao gênero**.** Praticas docentes identificadas como não-aulas reforçam a divisão entre meninos e meninas. Sendo assim o objetivo dessa pesquisa é abordar as problemáticas da Educação Física escolar em relação ao gênero. Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica. Os resultados obtidos foram que o papel do educador é desenvolver brincadeiras diversas que abrangem todos os alunos, exercitar aulas mistas que faça os alunos despertarem entusiasmo nas atividades desenvolvidas e trabalhar a ideia de homogeneização nas aulas para assim contribuir com o desenvolvimento social dos alunos e excluindo as práticas do desrespeito e o da exclusão.
Palavras-chave: Educação Física escolar; Preconceito; Exclusão; Não-aula; Gênero.

GENDER AND EDUCATION SCHOOL PHYSICAL: TENSIONS AND IMPLICATIONS EDUCATIONAL

ABSTRACT

Physical education classes are a time marked by discrimination and prejudice regarding gender. Practice teachers identified as non-lessons reinforce the division between boys and girls. Thus oobjetivo this research is to address the problem of school physical education in relation to gender. Used as a methodology to bibliographic search. The results were that the educator's role is to develop several games that span all students exercising mixed classes do students awaken enthusiasm in the work and activities developed the idea of homogenization in class so as to contribute to the social development of students and excluding practices of disrespect and exclusion.
Keywords: Physical Education; prejudice; exclusion; Non-classroom; Genre.

INTRODUÇÃO

Quando adolescentes, a prática de Educação Física (EF), era muito desvalorizada não somente pelos professores, mas também por outros membros da escola, tais como: coordenadores, diretor e os demais professores que achavam que a EF não era importante. Em sua pesquisa Machado (2010) também constatou que com relação à EF no cotidiano escolar há falta de interesse da disciplina com relação às demais, com isso as reclamações constantes quanto à forma pedagógica e a cobrança de como ela é passada perante os alunos torna-se comum e rotineira no âmbito escolar.

Suas funções tornavam-se de pouca importância enquanto componente curricular, uma vez que não exista conteúdos satisfatórios perante o currículo escolar. Os alunos inventavam suas regras e um modo diferente de jogo, pois o professor não tinha motivação de ensinar, não se preocupavam em mudar seu método de ensino, com isso a falta de interesse dos alunos era notável. Invertem-se os papéis, os alunos cada vez mais concluíam suas aulas de EF como um passa tempo, aula vaga ou até mesmo um recreio. Neste sentido a aula:

> (...) é sempre a mesma: os alunos saem das salas e estão livres para realizar a atividade que lhes convier. Muitos escolhem, inclusive, não participar de atividade alguma, passando a aula toda conversando com outros colegas ou realizando tarefas de outras disciplinas. (MACHADO, et al, 2010, p.137)

Com efeito, achavam que não precisavam investir em suas aulas, uma vez que o principal objetivo era manter os alunos na quadra com qualquer tipo de atividade, ou até mesmo sem fazer atividade alguma. Aparentemente a principal preocupação dos professores de EF era em cumprir carga horária. Os conteúdos programáticos e didáticos não eram aplicados em momento algum, não era importante atrair os alunos para a disciplina propondo algo diferente, era desmotivado diariamente, todos os dias desempenhavam o mesmo papel de liberar a bola para a garotada.

> Em alguns contextos, esses professores são conhecidos como *professores bola* e, em outros, como *professores rola-bola*. São expressões pejorativas utilizadas para caracterizar (e caricaturizar) a prática de professores de EF que, por conta de uma série de fatores, muitas vezes, fica reduzida ao ato de distribuir s materiais didáticos aos alunos e sentar-se a sombra para, por exemplo, ler o jornal. (MACHADO, et al, 2010, p.130)

De certa forma o objetivo real dos professores era manter os alunos na quadra

desenvolvendo alguma atividade proposta pelo mesmo. Durante a aula os próprios alunos faziam a chamada, pois conheciam mais os colegas de sala do que o próprio professor. Por ventura algumas aulas eram passadas regras e tática de jogos coletivos visando o empenho em competições internas da escola e até mesmo nas competições interescolares, sendo assim o professor era considerado bom no seu papel de educador.

Com todo esse agravante os professores perderam o interesse de desenvolver o seu conteúdo programático, pois eram desmotivados pelo corpo docente como um todo, até mesmo pelos alunos que pouco se interessavam pela proposta de aula e o conteúdoprogramático a serem passadas. As aulas tornavam-se pouco criativas e atraentes, com isso os professores cada vez mais entram em suas rotinas e perdem o rumo de sua didática. Machado (et al, 2010) também, relata este tipo de problema no cotidiano pesquisado.

> O professor que temos denominado *em estado de desinvestimento pedagógico* é aquele que cuja prática recebe denominações como *rola bola* e/ou como *pedagogia da sombra*. Geralmente, ele se encontra em estados nos quais não apresenta grandes pretensões com suas práticas; talvez a pretensão maior seja a de ocupar seus alunos com alguma atividade. Com frequência, converte-se em simples administrador de material didático, atividade que não exigiria, em princípio, formação superior. (MACHADO, et al, 2010, p.132)

Com essa falta de investimento intelectual e rotina fica claro o crescimento de alunos com pouco interesse na disciplina, formando opiniões adversas como a prática do futebol sendo dos meninos e o vôlei para as meninas. Tendo em vista todas as problemáticas abordadas acima, queremos aqui, neste texto, destacar o nosso interesse em discutir o trato pedagógico realizado pela educação física escolar em relação ao gênero.

METODOLOGIA

Para esta pesquisa, elegemos como metodologia de pesquisa aquela denominada de bibliográfica. Para Fogliatto (2007), a pesquisa bibliográfica reuniu idéias advindas de diferentes fontes o que proporciona nova possibilidade de discussão de um tema já conhecido.

Gênero na escola

Para adentrarmos o tema gênero em âmbito escolar, faz-se necessário, iniciarmos uma compreensão sobre o termo. Nesta pesquisa, gênero é

> (...) entendido como uma construção social de uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens

> e mulheres ou como conceitua Scott (apud SOUZA e ALTMANN. 1995, p. 89), é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que "fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre várias formas de interação humana.

Portanto, pensar sobre gênero é entendê-lo como uma construção social e relacional, no entanto, Souza e Altmann (1999) não descartam as diferenças biológicas existentes entre os sexos, mas que, baseada nestas diferenças outras são construídas**.** Em nossa experiência enquanto alunos no âmbito escolar percebíamos essas diferenças nitidamente. Diferenças essas evidenciadas devido à concepção de educação física tradicional, focada nas técnicas e no desempenho motor das crianças.

Quando questionado a respeito deste tipo de divisão, o professor justificava-se utilizando como critério a diferença no que tange a questão de agilidade, velocidade e força física. De acordo com os professores essa separação é considerada "natural" levando em vista que os corpos masculinos são considerados mais fortes e ágeis.

Baseado em nossa experiência no âmbito escolar, percebíamos que a aula separada por sexo não era só uma forma de separar meninos e meninas, mas também um modo de "satisfazer" ambos e fazer fluir uma "boa aula" pois, as meninas nem sempre gostam de jogar futsal e preferem sempre voleibol ou handebol, já os meninos, futsal.

Segundo Kunz(apud UCHOGA e ALTMANN, 2010, p.03) existe relação entre os conteúdos abordados em aula e desigualdades de gênero:

> [...] o conflito de uma aula "mista" e a justificativa para a separação por sexo, é argumentado sobre o fato de que meninas não conseguem acompanhar, praticar com o mesmo empenho e competência o esporte, que os meninos. E ainda, que as meninas choram e reclamam muito (são mais sensíveis). E, os meninos, quando jogam com meninas, para não perderem o jogo, têm que se empenhar por eles e por elas[...]

Em sua pesquisa Uchoga e Altmann (2010) concluiu que nas 3 escolas onde observaram durante um determinado tempo um jogo de queimada misto, a relação de meninos e meninas foi a mesma: os meninos arremessavam muito mais a bola do que as meninas e sempre ficavam a frente do jogo se arriscando nas jogadas e com isso acabavam sendo mais queimados. Já as meninas mostram-se bastante envolvidas com os jogos, esforçando-se para não serem

queimadas e torcendo por sua equipe, mas não se importavam e nem reclamavam de não arremessarem a bola, o mais importante para elas era ganhar o jogo. Aparentemente, as próprias meninas reconheciam-se como desfavorecidas frente à força masculina. Ou seja, as próprias meninas ajudavam a reforçar estes estereótipos culturais em relação ao gênero feminino.

> Apesar dos corpos masculinos e femininos se constituírem nas mais variadas instâncias escolares, parece que é na EF que essa distinção é salientada repetidamente. Pois ainda hoje a partir de uma hierarquia das aptidões físicas aceitas socialmente considera-se as meninas "naturalmente" mais frágeis do que os meninos, justificando, assim, a necessidade de uma estrutura especial que proteja as meninas da "brutalidade" inerente aos meninos. (FRAGA, apud LIMA, DINIS, 2007, p.248).

Assumindo a perspectiva cultural de EF**,** partiremos do ponto que esta considera como parte da cultura humana, envolvendo formação de caráter, ideias, e perspectiva de vida, a fim de relacionar com o aluno a ideia do desenvolvimento físico e motor, como suas qualidades como pessoas. Construir e desenvolve-las através dos conjuntos de práticas criadas pelo homem ao longo da história, como: ginástica, esporte e as lutas, todas ligadas ao corpo, movimento e disciplina.

> A Educação Física plural deve abarcar todas as formas de chamada cultura corporal – jogos, esportes, danças, ginasticas e lutas – e, ao mesmo tempo, deve abranger todos os alunos. Obviamente, que seu objetivo não será a aptidão dos alunos, nem a busca de um rendimento esportivo. Os elementos da cultura corporal serão tratados como conhecimento a serem sistematizados e reconstruídos pelos alunos. (DAOLIO, 1996, p. 41)

Se tomarmos a ideia de que a EF desenvolve a cultura de movimento e está diretamente ligada a formação pessoal, esta deve ser trabalhada de maneira contínua e mista desde a pré-escola seguindo o mesmo molde das outras disciplinas escolares, como por exemplo o português, discutindo e desenvolvendo o raciocínio, interpretação e lógica das problemáticas.

> (...) a educação física escolar é uma prática cultural, com uma tradição respaldada em certos valores. Ela ocorre historicamente em um certo cenário. Com um certo enredo e para um certo público, que demanda uma certa expectativa. É justamente isso que faz a educação física escolar ser o que é. Sendo uma pratica tradicional, ela possui

> certas características, muitas vezes inconscientes para seus atores. Em outras palavras, existe um certo estilo de dar aulas de Educação Física, estilo que é, na maioria das vezes, valorizado pelos alunos, comunidade e direção da escola (DAOLIO,1993 apud DAOLIO, 1996, p.40).

Portanto a EF deve-se desenvolver-se de tal maneira, partir dos movimentos corporais e suas expressões, adquirindo conhecimento do seu próprio corpo e de como ele trabalha, almejando o conhecimento mútuo e organizado, crítico e autônomo. Sendo assim indiscutivelmente fica claro que a EF tem como base a cultura, e pode ser desenvolvida como pratica cultural.

Visto a importância da educação física para o desenvolvimento humano, defendemos a proposição de práticas plurais, as quais respeitam a individualidade dos sujeitos e possibilitam a ampliação de sua formação cultural. Desse modo, todas as crianças são inclusas no âmbito educativo, sem descriminação, possibilitando o enriquecimento de suas aprendizagens por meio das interações e trocas entre pares.

Essa tarefa por sua vez não é muito fácil para o professor, observar as qualidades e as dificuldades individuais dos alunos e trabalhar com todos, pode parecer complexo. No entanto, consideramos que quanto maior a pratica, maior seu aprendizado, não ignoramos a ideia de que se aprende com o próximo sendo ele, gordinho, baixinho, alto ou magrinho, menina ou menino, todos sem exceção adquiri e ensina algo. É importante ser destacada é a cultura do potencial, da criatividade entre todos, ninguém é ou se torna melhor do que o outro.

CONCLUSÕES

O papel do educador será desenvolver capacidades propondo jogos, danças, ginásticas para sua turma, visando abranger todos os alunos, haverá sempre um aluno com uma qualidade ou agilidade mais desenvolvida que com toda importância poderá ajudar os demais amigos de turma com dificuldades na realização da atividade proposta, ajudar um ao outro traz a ideia de união e companheirismo, excluindo a ideia de ser egoísta. A aptidão física e o aprimoramento de atividades especificas, não serão trabalhadas em aulas, isso fica para as escolinhas especializadas, que cada aluno por se identificar poderá realizar em seus horários extras.

Exercitar as aulas mistas tem como o objetivo com o aluno despertar entusiasmo nas realizações das atividades, não se sentir excluído por sua dificuldade, proporcionando oportunidades de desenvolvimento motor, explorando suas capacidades ao máximo, descobrindo suas expressões e aprendendo a dominar seu corpo em diversas situações,

usar implementos e os amigos para sua capacitação, compreender o significado do respeito entre diferenças, construindo assim um caráter de respeito entre todos.

Contudo, a construção do caráter e o desenvolvimento corporal andam de mãos dadas. Trabalhar a ideia de homogeneização nas aulas contribui com o desenvolvimento social dos alunos, excluindo as práticas do desrespeito e da exclusão do mais ou do menos capacitado e do diferente, partindo do ponto de que cultura e aprendizagem todos são capazes de absorver e desenvolver em si.

REFERÊNCIAS

1. DAOLIO. J. Educação física escolar: Em busca da pluralidade. **Rev**. **Paul. Educ. Fís**., São Paulo, supl. 2, p.40-42, 1996.

2. FOGLIATTO, Flavio. **Organização de Textos Científicos**, 2007. Disponível em:<http://www.producao.ufrgs.br/arquivos/disciplinas/146_seminario_de_pesquisa_2_diretrizes_referencial_teorico.doc.>. Acesso em: 25 jun. 2014.

3. LIMA. F. M. de. DINIS. N. F. **Corpo e gênero nas práticas escolares de educação física.** Disponível em: www.curriculosemfronteiras.org. Link acessado em 06/05/2014

4. MACHADO. T. da. et al**. As práticas de desinvestimento pedagógico na educação física escolar.** Disponível em: www.redalyc.org/articulo.oa?id=115316043007. Link acessado em 10/04/2014.

5. SANTOS. J. M. dos. O gênero na escola: a educação física em questão. **Dissertação de Mestrado** em Sociologia. Universidade Federal de Goiás, 2008, 139 (folhas).

6. SOUZA. E. S. de. ALTMANN. H. Meninos e meninas: Expectativas corporais e implicações na educação física escolar. **Caderno Cedes**, ano XIX, n° 48, Agosto 1999.

7. UCHOGA. L. A. R. ALTMANN. H. **Relações de gênero nos diferentes conteúdos da educação física escolar.** Disponível em: www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277822933_ARQUIVO_uchoga_liane.pdf. Link Acessado em 05/04/2014

Recebido para publicação em 10/08/2014
Revisado em 25/08/2014
Aceito em 29/08/2014